

# Joaquim Levy, mestre da arte de dizer 'não'

No período em que esteve à frente do Tesouro setor público obteve os melhores resultados

**Edla Lula, Mariana Mainenti e Sonia Filgueiras**  
redacao@brasileconomico.com.br  
brasil

Engenheiro naval com Doutorado em Economia pela Universidade de Chicago, conhecida pela ortodoxia, Joaquim Levy, era até esta semana diretor-superintendente da Bradesco Asset Management, transitou pela equipe econômica dos governos **Fernando Henrique Cardoso** e **Luiz Inácio Lula da Silva**. Na era FHC, foi Secretário-Adjunto de Política Econômica do Ministro da Fazenda, **Pedro Malan** e economista-chefe do Ministro do Planejamento, **Martus Tavares**.

Com Malan, ajudou a consolidar o Plano Real e a impor uma política econômica austera e monetarista. Com **Antonio Palocci**, na era Lula, foi o timoneiro naquilo que o ministro chamava de “manobra do transatlântico”, movimento que giraria do liberalismo tucano

ao desenvolvimentismo social idealizado pelo PT, giro este considerado demasiadamente lento pela ala mais progressista do partido e por movimentos sociais. Por isso, Levy ficou conhecido como “o representante tucano” do governo Lula, mantendo, na época, o rigor fiscal, pelo qual também adquiriu o apelido de “mãos de tesoura”.

A função do secretário do Tesouro é dizer não aos pedidos de verba dos ministérios, dos políticos, dos setores econômicos, principalmente, quando há uma circunstância de ajuste fiscal. Joaquim Levy, ao ser convidado por **Palocci**, explicou a ele que seus “nãos” teriam consequências. **Palocci**, então, respondeu: “Deixa isso cair aqui”, batendo no próprio ombro.

Graças a este acordo, a passagem de Levy pelo Tesouro foi marcada como o período em que o setor público apresentou os melhores resultados da gestão petista. Durante sua gestão à frente do Te-

souro Nacional, o governo produziu os maiores superávits primários da série histórica iniciada em 1997: o governo central (que soma os resultados do Tesouro, do Banco Central e da Previdência) registrou uma economia equivalente a 2,3% do PIB em 2003, 2,5% em 2004 e novamente 2,5% em 2005.

Levy deixou o cargo em 28 de março de 2006, no início da gestão do ministro que agora sai, **Guido Mantega**. Foi quando assumiu a vice-presidência do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Washington (EUA), onde permaneceu por pouco tempo. Indicado pelo então presidente Lula, foi convidado pelo governador do Rio de Janeiro **Sérgio Cabral** para assumir a secretaria de Fazenda do estado, de onde saiu em 2010.

A expectativa de nomeação de Levy e de distanciamento em relação a políticas intervencionistas vinha repercutindo positivamente nos mercados financeiros domésti-

cos desde a semana passada, quando seu nome foi vinculado à nova equipe de **Dilma**. “Ao escolher Levy, ela está tentando recuperar credibilidade, o que é crucial neste jogo”, disse à agência Reuters o economista do Goldman Sachs **Alberto Ramos**, que conheceu Levy na Universidade de Chicago e depois no Fundo Monetário Internacional.

“Foi uma excelente nomeação. O Levy é uma pessoa experiente, de ótima formação acadêmica, que conhece bem a parte fiscal e hoje o nosso maior problema é nessa área. É a pessoa certa no lugar certo”, considerou o chefe do Departamento Econômico da Confederação Nacional do Comércio e ex-diretor do Banco Central, **Carlos Thadeu de Freitas**. “Por isso, os mercados já deram respostas favoráveis, com os juros e o dólar em queda. E ele conseguirá o apoio político para fazer as reformas necessárias, pois transita em todos os lugares. No governo, no FMI. Não tem partido. É um profissional”, definiu.